



Director literario:

*Augusto de Santa Rita*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo de Almeida*  
PAPUSSE

ME  
NI  
NO  
de  
CHO  
CO  
LA  
TE

POR  
AUGUSTO  
DE  
SANTA  
RITA

Desenho de E. M.



O «Pau-Preto» é um pretinho,  
— (pretinho escarumba  
olé! —  
ainda pequerruchinho,  
chegado de São Tomé.

Imensamente lambão,  
é doido por chocolate  
e sempre que lho não dão,  
furioso, no chão bate,  
bate o pé rabujentão!

E «Toninho»  
um rapazinho  
que, como o «Pau-Preto», é  
também um pequerruchinho  
mas branco, da cor do linho  
ou do açúcar pilé.

Ora, outro dia, o Toninho,  
que nunca vira um pretinho,  
pôs-se a olhar e a remirar,  
com uma expressão pasmada,  
a sua cor negro-mate.

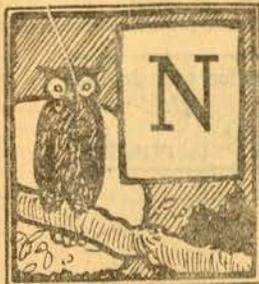
de que se ha-de lembrar?!...  
Calculem!... Que disparate:  
— De lhe dar uma dentada,  
supondo-o de chocolate!



# O PARDAL DOMESTICADO

Por **Z A L I A**

Desenhos de **E. MALTA**



UM dia de primavera, lindo, amêno, com um céu muito azul e o ambiênte perfumado pelo odor das flôres campestres, rolava vagarosamente por uma estrada alentejana, um pequeno carro, puxado por uma muar, conduzindo um jovem componês, que, enlevado na poesia que o rodeava, se embebia na contemplação daquela peça de sêda, de côres vivas, que se desenrolava ante os seus olhos maravilhados. A campina verdejante, salpicadas de papou-

las e de malmequeres, oferecia um matiz, rico de tons, ao mais exigente artista.

Os passaritos saltitavam adiante do carro, e, quando êste se aproximava muito, voavam para longe, para, pouco depois, voltarem à estrada.

Que diversidade de passarinhos se ouvia! Eram melros, com o seu assobio garôto, cotovias, calhandras, pintasilgos, com os seus bonitos trinados (que os fazem cobiçados dos amadores de pássaros, para os terem fechados em gaiolas, onde se habitam com facilidade) pardais, e, a fechar êste concêrto, o cuco.

Os meninos conhecem o cuco? É um pássaro de arribação, isto é, que vem cá fazer as suas criações e vai para o estrangeiro depois de as ter feito.

No Alentejo diz-se até o seguinte, a propósito da chegada dêle: — «Quando o cuco não vem, entre Março e Abril, ou o cuco é morto, ou o fim do mundo está para vir».

O rapaz deixava seguir a muar à vontade, e uma doce

Sem mesmo saber o que se passava, lançou a mão ao passarito e apanhou-o.

O que se tinha passado? Simplesmente o seguinte: Um gavião perseguia um pobre pardalito, que vendo-se perdido, procurou um homem (a-pesar dêle também às vezes lhe fazer mal) um refúgio seguro contra o seu cobiçoso inimigo.



O camponês ficou sensibilizado ao perceber o que se tinha passado e resolveu levar o passarito a uma sua prima, garôta de cinco anos, que tinha muito bom coração.

Passado pouco tempo chegou à cidade, dirigiu-se a casa de sua tia e entregou o presente à pequena. Esta, muito comovida, ouviu a história do pobresito, que tremia nas suas mãosinhas e, muito meigamente, dizia-lhe: Meu pobre petiz, não tenhas mêdo eu vou sêr a tua mamãzinha e ninguém te fará mal.

Poderás andar à tua vontade, pois nem temos nenhum bichano que te coma; mas tenho que te cortar as penas maiores duma asa, para não voares.

Assim aconteceu e, passados poucos dias, o pardalito acorria ao chamamento da pequena e que era: Sire, Sire, Sire...

Nada lhe faltava e viveu ainda alguns anos muito satisfeito na companhia da garôta, que o mostrava a tôda a gente com orgulho.

Passaram-se muitos anos e esta menina, que é hoje uma senhora, ainda lembra com saudade o seu pardalito, que em casa morreu de velho e que tantas alegrias lhe deu.

Praticai sempre o bem, meus amiguinhos e achareis na sua prática a maior recompensa que podereis esperar: a satisfação da vossa consciência.



sonolência o ia invadindo, quando ouviu muito perto da sua cabeça um bater de asas, logo seguido dum piar, tão dolorido, que mais parecia um apêlo e, no mesmo instante, um pardalito se veio esconder nas dobras do capote que levava sôbre os joelhos.

F I M



# A OBRA DE MESTRE HILÁRIO

POR AUGUSTO de SANTA-RITA  
BONECOS de E.M.

(Continuação do número anterior)

Na véspera de atingirem o décimo oitavo aniversário natalício, era-lhes entregue o respectivo diploma oficial do curso técnico que, conjuntamente com o do curso geral dos liceus, os habilitava ao exercício profissional do respectivo mistér, abandonando, então, o grande Internato onde, moderadamente, haviam conseguido os necessários conhecimentos.

## Franklin Joice

### O melhor discípulo do Mestre Hilário

Concluída brilhantemente a sua educação, chegara o dia de Franklin Joice, que completava 18 anos, abandonar a Grande Confederação.

Seguindo a habitual praxe, os alunos perfilados em duas grandes alas, que se estendia desde o átrio do edificio ao portão principal do grande jardim, faziam a contra-ência à passagem de Joice que, entre D. Graziela e Mestre Hilário, correspondia à saudação dos antigos condiscipulos, ao som do hino triunfal da Escola. Um respeitoso beijo na mão enrugadinha de D. Graziela que correspondia à afectuosa saudação, beijando-o também na testa e um grande abraço trocado entre Franklin e Mestre Hilário, coroou a despedida do ex-aluno que, no próprio automóvel do grande internato, desapareceu entre uma nuvem de ouro, poeira dam meio-dia lindo, ardente, primaveril.

### Os «Laicos» e a Seita-Rubra

Decorridos seis anos após a formatura de Franklin Joice na Grande Confederação

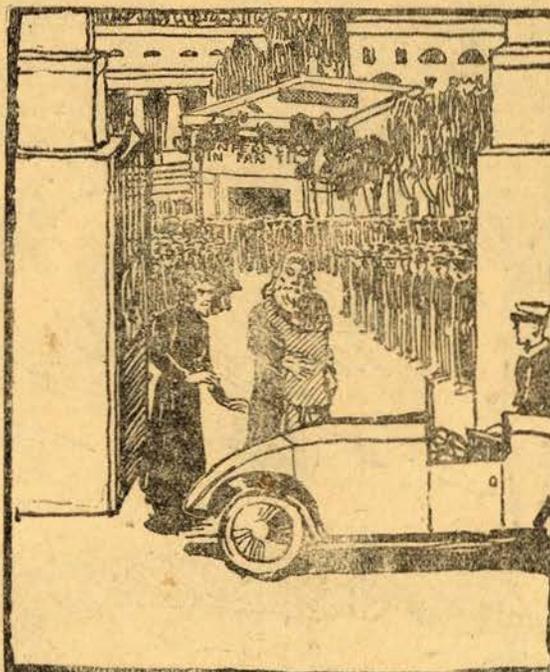
de Hilário de Santa-Rosa, dois grandes partidos, constituídos por elementos preponderantes na Política portuguesa de então, «Os Laicos e a Seita-Rubra», preparavam-se activamente para assaltar o Poder, organisando comícios de propaganda extremista, em que se preconizava abertamente a guerra ao Capital, à Nobreza, à Igreja e a toda a legislação em vigor.

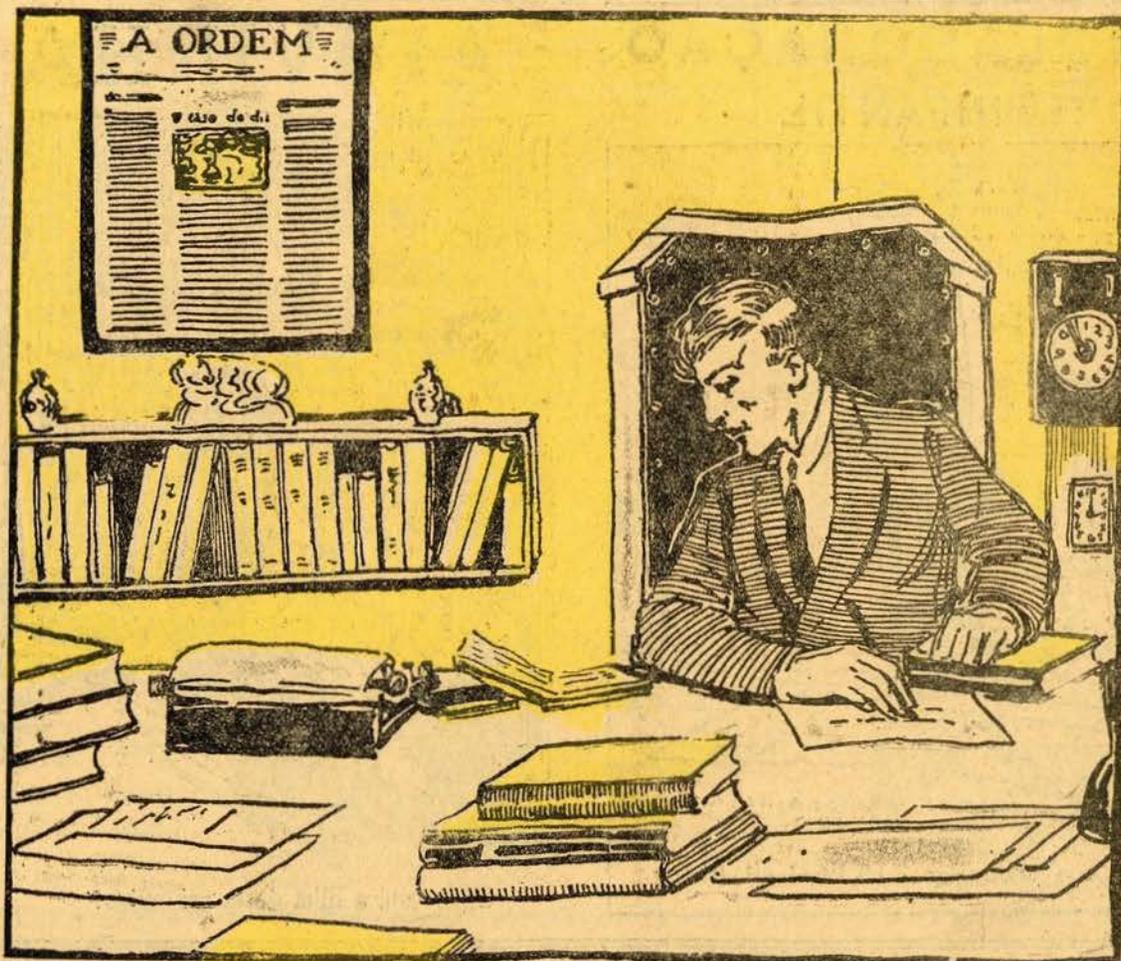
Em face da onda avassaladora, do vendaval demagógico que assolava as velas da grande barca da governança pública, prestes a afundar-se, um grande partido se criara, também, que, sob a designação dos «Ordistas», se dispunha a contrapor uma colossal barreira, um formidável dique à fúria destruidora.

Um grande jornal: — «A ORDEM» era o órgão principal do novo partido político que há três anos, desde a sua fundação, se arvorara em defensor dos princípios estabelecidos, da Igreja, das garantias e liberdades individuais. E o nome de Franklin Joice andava de boca em boca, como principal pioneiro desses princípios sagrados e como autor dos artigos sensacionais publicados no referido periódico de que era director.

Educado na Grande Confederação, instruído nos altos princípios do querido Mestre, Franklin Joice era um forte, um lutador incansável em cujo espirito a semente da Fé, germinara e florira, enraizando nalma uma viva consciéncia e uma vontade de ferro. Nada o desanimava, o abatia. Quanto mais acêsa era a luta, mais ela ainda o tentava e maior era o dispêndio da sua imensa energia.

Inesperadamente convidada





do a formar ministério, Franklim Joice viu-se súbitamente a enfrentar um inimigo terrível que ameaçava e punha constantemente em risco a estabilidade governamental pela fusão dos dois grandes partidos radicais: — «A Seita Rubra e os Laicos».

## Como se organisara o grande partido dos «Ordistas»

Ao iniciar o seu jornal «A ORDEM», Franklim Joice convocara para uma importante reunião todos os ex-alunos da «Grande Confederação Infantil» que houvessem atingido a sua maioridade, tendo conseguido recrutar duzentos e vinte que logo organizaram núcleos de propaganda «ordista», alcançando milhares de adeptos e atingindo, assim, o seu principal objectivo: — uma grande organização partidária.

Mestre Hilário, porém, alheio a toda a Política, era, apenas, o grande educador que não permitia dentro da Confederação a mínima discussão política, motivo porque era respeitado por todas as facções, nunca inspirando ódios nem malquerenças.

No íntimo, porém, da sua consciência, aplaudia a atitude enérgica de Franklim Joice e de seus partidários aos quais incutira em suas perlengas da Fé, o estímulo e a confiança precisos para o triunfo das suas aspirações. Era, portanto, indirectamente, o inspirador do grande movimento nacional em que jogavam até a própria vida os seus antigos discípulos.

## O grande industrial Severino Reis, archi-milionário

Severino Reis, proprietário da grande fábrica «União Metalúrgica», ocupando uma área de trinta hectares de comprimento por vinte de largura e em que se empregavam mil e seiscentos operários, era o prototipo do grande industrial.

Com uma idade aproximadamente de setenta anos, possuía uma expressão enérgica e ao mesmo tempo atraente, ampla frente, cara redonda, olhos azuis, lunetas de aço de ouro, suíças grisalhas, cabeleira branca e alta estatura.

Era infalível no escritório da fábrica todos os dias das nove da manhã às seis e meia da tarde.

Solteiro, sem um único parente, não tinha a quem deixar, por direito, a sua imensa fortuna, que, todavia, se sabia estar já destinada por testamento secreto, há cinco anos, lacrado e fechado no cofre dum conhecido notário de Lisboa.

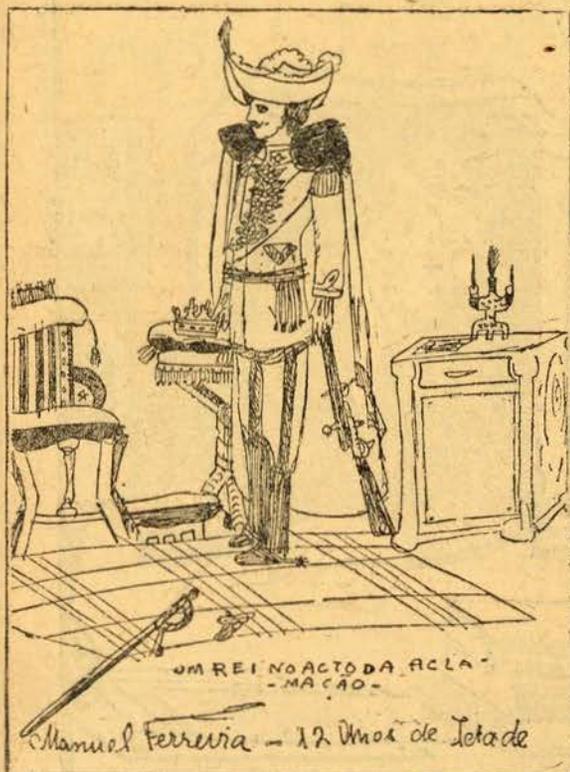
Com dois secretários, dois tesoureiros e trinta empregados superiores, além dos mil e seiscentos operários, chefiados por Zé Falcão, a «União Metalúrgica» prosperava de ano para ano, tornando Severino Reis o mais afamado industrial português.

## Quem era «Zé Falcão» Chefe e inspector geral da «União Metalúrgica»

Zé Falcão era um laborioso operário que, pelas suas qualidades de inteligência e de actividade, fora guindado ao posto de chefe e inspector geral das oficinas da União Metalúrgica.

Apaixonado também pela agitação política que alastrava por todas as classes sociais, Ze Falcão acabou por filiar-se na «Seita-Rubra», para a qual havia sido insistentemente convidado. Embora sem a necessária instrução, viu-se súbitamente, eleito por seus partidários, presidente de um dos principais centros da «Seita-Rubra».

(Continua no próximo número)

COLABORAÇÃO  
INFANTIL

## ADIVINHA



— Onde está a filha deste rei antigo?

## Continuação do conto A Princesa que não podia amar

pêso do que a fada Egoísta lhe dissera: seria a princesa que não podia amar.

Entre os príncipes houve um, que, doidamente apaixonado pela princesa, presentiu que aquele aparente desdém não poderia ser orgulho; era com certeza indício de qualquer mistério que ele desconhecia. E, tôdas as noites, o príncipe de olhos negros, cantava... Soluçando a sua guitarra, os sons doridos chegavam até Carmen... quando, triste... porque ambicionava ser feliz, ouviu o seu coraçãozinho cantar cantigas de amôr e depressa disse-lhe:

«Cala-te, nunca poderei amar», e, com os desditos finos, arrancou-o. Quando a noite cerrou o seu véu de viuvez, fugiu até ao mar e arremessou-o às ondas. Voltamos ao príncipe. Cada vez mais triste, minado pelo desgosto, já não fazia soluçar a sua guitarra! Uma manhã, mais triste que nunca, encostou-se a uma árvore e sentiu nos ombros pousar-lhe uma borboleta linda, dum branco imaculado que lhe falou assim:

«Ouve-me, sou a Fada do Amôr; vejo-te triste, Carmen foi fadada para não poder amar, mas se tu és bom e valente quebra o fado que ela tem».

— «Mas, minha linda borboleta, o que poderei fazer para possuir a mais linda princesa do mundo?»

— «Encontrares o seu coração que está no mar. Sê perseverante. Mais não te posso fazer, porque êsse reino imenso não me pertence. Parte e sê corajoso».

— O príncipe partiu e acercou-se do mar. A seus pés estendia-se a praia solitária e as ondas esparguiçavam-se dolentes, côr das safiras. Ficou triste! Como poderia naquela imensidade líquida encontrar o pequenino coração da sua amada? E manso, muito manso, chamou pelo coração de Carmen, da bela bem-amada dos cabelos côr dos trigais e, à sua súplica, uma voz respondeu: — a voz duma sereia.

— «Fôste perseverante; mereces o prêmio», e a seus pés uma onda mais linda e luminosa do que as outras, trouxe-lhe uma caixinha onde estava encerrado o coração de Carmen. Louco de alegria, correu ao palácio e entregando o coração à princesa, levou-lhe a vida, o amôr, a lei eterna que governa o mundo. Então, a princesa renasceu e o seu coração cantou canções de amôr para o lindo príncipe de olhos negros que, curando-a para sempre, a enfeitçara. Casaram e nêsse dia um bando de borboletas, dum branco imaculado, bailavam no ar...

# Hora de Recreio

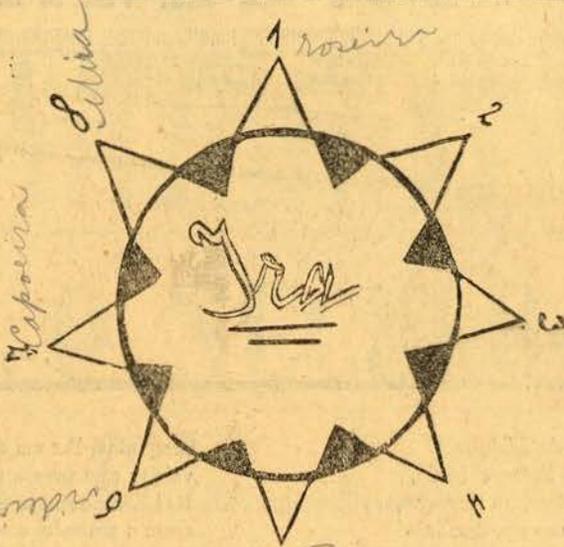
1	2	3	4	5	6		
1				a	1		
2				t	2		
3	p	a	r	a	3		
4				e	4		
5	a	t	a	l	h	o	5
6				o	6		
1	2	3	4	5	6		

## PALAVRAS CRUZADAS

### Horizontal e Verticalmente

1, Infortúnio (prop.); 2, Abater-se; 3, Cartucheira que se usa a tiracolo; 4, Emarar; 5, Caminho estreito; 6, pêta (fam.)

José Vicente Cerdeira



## ADIVINHA

Consiste a adivinha em juntar estas três letras na última sílaba das palavras, de maneira que formem as seguintes significações:

1.º Planta de jardim; 2.º Vila portuguesa; 3.º Adjectivo de modo; 4.º Logar agrícola; 5.º Vila e praia portuguesa; 6.º Arvore de fruto grainhoso; 7.º Casa de animais domésticos; 8.º Rio português.

### Horizontal e Verticalmente

1, Tumor glandoloso; 2, Levantar ferro; 3, na testa; 4, Constelação astral — ataque de epilepsia; — 5, Viera de certo tempo; 6, Variedade de amaranto.

José Vicente Cerdeira

## Para os meninos colorirem



# GESTO HUMANITÁRIO...



Os amigos de Zézinho,  
Marcolino, Pedro e Tónio,  
encontrando-o, no caminho,  
a correr como um demónio  
que visse um Santo bentinho,

preguntam-lhe em côro: — «onde  
vais tu com pressa tamanha?»  
Mas Zézinho nem responde,  
corre e ninguém o apanha.  
Entanto, o seu tio, Conde



de Vila Velha de Ourém,  
vendo, em tal fúria, o Zézinho,  
pregunta, indaga também:  
— «Onde vais tu, meu sobrinho,  
que nem vês quem te quer' bem?!»

Então, Zé diz, com piada,  
pois tem-nas sempre das boas:  
— «Vou em corrida apressada  
para que duas pessoas  
não se peguem à pancada!»



Ufano da bela acção  
que ia fazer o Zézinho,  
pregunta-lhe o tio, então:  
— «Mas diz cá, meu sobrinho,  
essas pessoas quem são?!»

Nisto o Zézinho volveu,  
sem parar, num corruptio:  
— «uma é um amigo meu,  
e a outra, meu caro tio,  
a outra, a outra... sou eu!»